

MEMÓRIAS  
DA  
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS  
DE  
LISBOA

CLASSE DE LETRAS

TOMO XL  
Volume II

---

**A Ásia do séc. XXI: a promessa e os  
desafios**

JOSÉ RAMOS-HORTA

---



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS  
DE LISBOA

LISBOA • 2019



# A Ásia do séc. XXI: a promessa e os desafios

JOSÉ RAMOS-HORTA

Ex.mo Senhor Presidente da Academia das Ciências de Lisboa, Professor Doutor Adriano Moreira,

Ex.mo Senhor Vice-Presidente da Academia de Ciências de Lisboa, Professor Engenheiro Arantes e Oliveira,

Ex.mo Senhor Secretário-Geral da Academia das Ciências de Lisboa, Professor Doutor Dias Farinha,

Ex.mo Senhor Ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, Professor Doutor Mariano Gago,

Ex.mo Senhor Ex-Presidente da República, Dr. Mário Soares,

Ilustres membros da Academia,

Excelências,

Só a vossa generosidade pode explicar a atribuição à minha simples pessoa título tão honroso de membro desta muito prestigiada Academia. Porque não o mereço e não o poderia reclamar por mérito adquirido, por labor e saber, só posso aqui registar o meu mais profundo agradecimento.

O tema que propus abordar nesta breve comunicação, porque tão vasto e complexo, assim como aliciante, só poderia ser tratado com algum rigor num ensaio ou livro. Por isso e desde já, apresento as minhas desculpas por lacunas e escassez de dados para sustentar as minhas observações.

Mas antes de entrar no tema proposto, permitam-me partilhar convosco as boas notícias de Timor-Leste, terra tão acarinhada pelos Portugueses.

Vivemos hoje num clima de paz e tranquilidade, com índices muito baixos de criminalidade e violência. O ambiente político é muito distendido. A nossa economia está em crescimento robusto de mais de 12% ano, nos últimos três anos. A pobreza baixou em 9% nos últimos dois anos; a mortalidade infantil foi cerceada em 50% no mesmo período. A escolaridade subiu de pouco mais de 60% em 2006 para 84% em 2009.

Segundo o *Economist*, versão *pocket-book* de 2010, Timor-Leste situa-se em primeiro lugar no mundo com o maior excedentário financeiro como percentagem do seu PIB. Trata-se de um *surplus* de quase 300%. Acresce a isto que Timor-Leste não tem dívida externa.

O *Extractive Industries Transparency Initiative* deu a Timor-Leste o primeiro lugar na Ásia e o terceiro no Mundo no *ranking* dos países produtores de gás, petróleo e outros minérios, no que se refere a transparência e rigor da gestão dos seus recursos.

O caminho ainda é longo, tortuoso, na consolidação da paz e democracia, na eliminação da extrema pobreza e analfabetismo.

Continuamos a contar com a solidariedade internacional, as Nações Unidas e suas agências, de países amigos como Portugal e muitos outros, organismos multilaterais como o Banco Mundial, a Comissão Europeia, Banco de Desenvolvimento Asiático, etc. para assegurar que uma paz duradoura seja enraizada em Timor-Leste.

Excelências,

Presente na sala do Conselho de Segurança da ONU, em Nova Iorque, no dia 23 de Setembro de 2009, segui muito atentamente o discurso do Presidente dos EUA, Barack Hussein Obama, o mesmo sempre eloquente, convincente muitas vezes, sobre o desarmamento nuclear.

Não pude deixar, na ocasião, de mentalmente divagar para os grandes desafios que a Ásia enfrenta — as disputas fronteiriças, os *stocks* de armas nucleares em países muito instáveis e pobres, a extrema pobreza, pressão demográfica e degradação do meio ambiente, conflitos étnicos e religiosos, o terrorismo doméstico e transnacional, entre outros.

A região da Ásia é sem dúvida a mais rica do mundo pela sua diversidade histórica, cultural e religiosa; é o berço de algumas das maiores civilizações e filosofias; mas se é sem dúvida a mais dinâmica e promissora economicamente, a região asiática é também a mais complexa, volátil e perigosa.

Do Paquistão à Índia, à China e à Coreia do Norte temos um anel de armas nucleares por entre a extrema pobreza, extremismo religioso, tensões étnicas e disputas territoriais de tal gravidade que, nos últimos 50 anos, alguns destes países se envolveram em guerras. Neste momento em que falo, há milhões de

homens em armas, frente a frente, em estado de alerta, desde o Sub-Continente Indiano à Península Coreana.

Perguntemos, em que outra parte do mundo armas nucleares estão nas mãos de um poder totalitário e falido? Refiro-me à Coreia do Norte, onde a primeira dinastia Estalinista do Mundo se instalou.

Em comparação com os colossais desafios à segurança regional e mundial que são os casos da Coreia do Norte, Irão, Afeganistão e Paquistão, os problemas que subsistem nalguns países membros da Associação dos Países do Sudeste Asiático (ASEAN) como a Birmânia, sul da Tailândia e das Filipinas, parecem insignificantes, apesar de que já tenham custado e continuam a custar a vida a demasiadas pessoas.

O Presidente Obama é o primeiro Presidente dos Estados Unidos com experiência pessoal na Ásia, porque passou alguns anos, quando criança, na Indonésia. Ao contrário do que aconteceu no passado, hoje o radar norte-americano na Ásia não cobre apenas o Japão.

Novas potências económicas e diplomáticas emergiram na Ásia nos últimos 30 anos, deslocando o poder da histórica aliança Washington-Tokyo.

A Índia, a China, a Coreia do Sul e a Indonésia são os novos poderes emergentes da Ásia, com os quais os Estados Unidos e a Europa deverão cooperar mais, desenvolver pontes e parcerias com vista à eliminação da extrema pobreza, desequilíbrios sociais, redução de tensões entre os Estados vizinhos, desarmamento convencional e nuclear.

Dos três países do leste asiático, só o Japão se conseguiu modernizar industrialmente antes da II Guerra Mundial para ser reduzido a cinzas e extrema privação de 1945 a 1960.

A China sofreu duplamente, a guerra civil e a invasão e ocupação japonesas, com destruições e perda de vidas humanas incalculáveis. A Coreia do Sul, colonizada (pelo Japão), e libertada no final da II Grande Guerra, viu-se logo a seguir agredida numa guerra sangrenta desencadeada pelo regime comunista do Norte.

Hoje, as três nações do leste asiático são motores económicos interligadas pela geografia e pela história. O Japão, a República da Coreia e a China são nações com milhares de anos de história, com antigas e ricas tradições que sobrevivem na modernidade.

Até certo ponto, superaram as rivalidades e conflitos do passado, mas as cicatrizes, velhas e profundas, reabrem por vezes com intensidade, obscurecendo o seu actual relacionamento e enfraquecendo o que poderia ser uma grande e única parceria trilateral para a paz, estabilidade e prosperidade na região asiática.

Com um número de habitantes que no seu conjunto ultrapassa os 1 500 milhões e um Produto Interno Bruto (PIB) superior a US\$10 triliões, o Japão, a República da Coreia e a China — três vizinhos com sociedades tradicionais e ao mesmo tempo avançadas, orgulhosas, trabalhadoras, competitivas e criativas — são de facto os motores económicos da nossa região e de uma grande parte do mundo.

E se acrescentarmos a estes poderes a Índia e a Indonésia, as cinco economias superam qualquer outra no planeta.

Os números — 2 900 milhões de cidadãos, ou 43% da população mundial, e o PIB (cerca de US\$12 triliões de dólares norte-americanos, ou aproximadamente 20% do PIB global) — são esmagadores.

Mas pergunta-se: poderão os Asiáticos enterrar os trágicos capítulos do seu passado e resolver as disputas fronteiriças; poderão transformar em parcerias as suas economias rivais, aproveitando a liquidez das reservas, tirando partido da ciência, da tecnologia e dos seus melhores cérebros?

Poderão os Asiáticos resgatar da extrema pobreza legiões de irmãos seus, salvar o já tão degradado meio ambiente e forjar um Novo Século — o Século da Ásia — de paz e prosperidade?

A crise financeira e económica que eclodiu no Wall Street em 2008 continua a fazer-se sentir agudamente nos EUA e na Europa e poderá causar ainda maior instabilidade e miséria se ela não for travada, se não houver uma viragem a curto prazo.

Isto seriamente afectaria também a Ásia que, à excepção do Japão, até agora tem estado quase imune a essa intempérie.

Nem tudo é preocupante e negativo. A verdade é que existe hoje uma oportunidade única para a Ásia e para os seus dirigentes ocuparem um papel central de liderança.

E a Ásia pode liderar na área das Alterações Climáticas e Desenvolvimento Integral e Sustentável, mobilizando os seus enormes recursos humanos e financeiros com vista à eliminação da extrema pobreza e do analfabetismo, resgatando

o meio ambiente já severamente degradado, replantando as florestas, despoluindo os rios, lagos e mares.

Independentemente do que os Estados Unidos e a Europa possam ou queiram fazer, os Asiáticos podem passar a ocupar o lugar central e liderar o resto do mundo na luta contra a extrema pobreza, desenvolvimento sustentável, pela preservação do meio ambiente mundial, para salvar o nosso planeta.

Os Asiáticos, que durante milhares de anos revelaram enorme criatividade e espírito empreendedor, têm agora de ser ainda mais inovadores e investir na procura e desenvolvimento de energias alternativas, encontrando outras fontes, além dos combustíveis fósseis, para alimentar as nossas indústrias e cidades.

Em vez de apontarmos o dedo aos outros, Americanos e Europeus que durante 200 anos dominaram as indústrias, as ciências e as tecnologias, e de entrarmos em jogos de culpabilização, os Asiáticos devem mostrar sabedoria e lançar programas para erradicar a extrema pobreza, o analfabetismo e salvar o nosso meio ambiente.

Este é o desafio que eu próprio e o Presidente Nasheed das Maldivas lançamos aos nossos irmãos e colegas da Ásia, a elaboração de um *Road Map* Asiático, sustentando por um Fundo Asiático, assente em vários pilares, o Desenvolvimento Sustentável e Integral, a Eliminação da Extrema Pobreza e do Analfabetismo, Meio Ambiente e Alteração Climática.

Gostaria de ver realizada uma Cimeira Asiática que adoptasse um *Road Map*, uma agenda comum assente sobre a protecção e reabilitação ambiental, a gestão dos recursos hídricos e da terra, o desenvolvimento sustentável e a eliminação da pobreza, a saúde pública, a educação e o fim do analfabetismo.

Temos que pôr um ponto final no abate comercial das árvores e na contínua depredação das nossas florestas; temos de as replantar, devolver ao solo as centenas de milhões de árvores que — devido à necessidade, ou à ganância — foram cortadas, provocando a desertificação, a erosão, inundações e deslizamentos de terras. Temos de parar de deitar para os nossos lagos, rios e mares os plásticos e todo o tipo de materiais não degradáveis. Temos de transformar o lixo em energia limpa e temos de deixar de desperdiçar água.

Somos metade da população mundial e só por isso temos uma responsabilidade acrescida para contribuímos para um desenvolvimento regional e global, integrado, sustentável, equilibrado.

Se não passarmos já à acção, dentro de algumas décadas haverá muitas centenas de milhões de deslocados, que se tornarão refugiados ambientais e se matarão uns aos outros por água e um pedaço de terra.

É evidente que, mesmo no melhor dos cenários, os Estados Unidos, com uma economia robusta e finanças saudáveis, sem défice (como aconteceu na administração Clinton), não podem, sozinhos, carregar aos ombros o fardo do mundo.

Apesar dos seus actuais problemas, os Estados Unidos continuarão a ser, por muitos anos, um parceiro incontornável para a paz, segurança e estabilidade na Ásia.

Os Estados Unidos recuperarão, inevitavelmente, e manter-se-ão uma potência sem rival à escala global nos próximos 30 anos.

Tem-se ouvido muitas críticas sobre presença e domínio económico e militar norte-americano na Ásia ao longo dos últimos 60 anos, mas a realidade é que é precisamente devido a essa presença que a paz foi mantida e a economia cresceu no leste e sudeste asiáticos.

Se as forças norte-americanas dessem um sinal de desejo de retirada das suas bases na Ásia, desencadeariam uma corrida armamentista por parte das grandes e médias potências regionais, alguns agindo por receio, outros agindo por desígnio de se imporem como novas super-potências regionais.

Uma retirada americana da Ásia Oriental e a conseqüente e inevitável corrida armamentista provocariam uma escalada de tensões políticas, eventualmente conducentes a conflitos abertos.

Os Estados Unidos, um gigantesco supermercado mundial, e os norte-americanos com os seus hábitos consumeristas, alimentam as fábricas Chinesas e ajudam a China a guindar-se ao estatuto de super-potência.

Chineses e Asiáticos em geral estão ligados por um abraço fatal aos Estados Unidos e à Europa. A China, por deter triliões de dólares em títulos do Tesouro americano, não vai abandonar o dólar pois isto seria um suicídio económico colectivo, arrastando tudo e todos para o abismo.

Os Estados Unidos têm de permanecer como uma potência na Ásia-Pacífico e envolver-se mais, diplomática e economicamente, nas próximas décadas. Mas deverão reajustar e balancear as suas relações e o seu papel na Ásia, tendo em conta a dinâmica dos novos poderes na região.

Enquanto a Ásia enfrenta complexos e por vezes assustadores desafios, alguns parecendo incontornáveis, abrem-se no entanto imensas oportunidades.

Os Estados Unidos deverão pautar pela frontalidade e pela transparência com todos, dissipando suspeições e ajudando a sarar velhas e recentes feridas. Na Ásia do Sul, devem manter certa equidistância e equilíbrio nas suas relações com a Índia e o Paquistão.

Os Estados Unidos e a União Europeia, devido à sua dimensão e prosperidade, e às suas relações históricas com a Ásia, bem como aos seus interesses estratégicos, têm de redobrar o seu envolvimento e criar novas parcerias com países-chave na nossa região.

Deverão mostrar visão e capacidade de liderança. Mas a liderança terá sempre de ser por exemplo; ela deve primar pela capacidade de persuasão, pela inspiração — e não pela coerção. As táticas de pressão e coerção poderão levar à submissão, mas é uma tática que provoca ressentimentos e fragiliza as alianças.

O teste que se depara àqueles que lideram, ou aspiram à liderança, é o da sua capacidade para lançar pontes de entendimento e gerar consensos.

Não discordo dos optimistas que apresentam um quadro muito positivo e prometedor da região Ásia-Pacífico. Mas a Ásia, esta vasta região, fascinante, rica e prometedora, na qual Timor-Leste se integra cada vez mais, é também a mais complexa, instável e perigosa.

Acredito na Ásia do Séc. XXI, uma Ásia que poderá liderar a economia mundial, uma Ásia pacífica e próspera, mas alerta também para os desafios e perigos latentes e visíveis que podem minar os progressos registados nos últimos 30 anos e fazer a região retroceder.

(DISCURSO PROFERIDO NA SESSÃO PLENÁRIA E PÚBLICA  
DE 4 DE OUTUBRO DE 2010)